

SOCIEDADE SEGURANÇA



Jamaica Aumenta a tensão entre a comunidade africana e a extrema-direita. Teme-se que as ameaças nas redes sociais descambem em violência na rua

A revolta que nasceu no Instagram

HUGO FRANCO e RUI GUSTAVO

A filha da gerente do Café da Berta fazia anos. Durante a festa, rebentou uma discussão por causa de namorados entre dois grupos rivais de raparigas. Foi esta a razão que levou a PSP de Setúbal no último domingo de manhã ao Bairro da Jamaica, no Seixal. Depois de serem expulsas do pequeno estabelecimento comercial, o bate-boca subiu de tom e alguém chamou a polícia. Seis minutos filmados por um telemóvel contam uma parte da intervenção policial que se seguiu. O vídeo espalhou-se nas redes sociais pouco depois de o angolano Hortêncio Coxi, que se encontrava ali perto, ser detido e levado para o hospital para ser assistido.

Nessa noite, a violência no Bairro da Jamaica tornou-se um tema nas redes sociais e, no dia seguinte, grupos “de miúdos de 20 e poucos anos” dos arredores de Lisboa e Setúbal convocaram um protesto para a porta do Ministério da Administração Interna, contra aquilo que consideraram ser violência policial. Através do Instagram (rede social popular entre os mais jovens) e sem necessidade de grande organização ou sofisticação. No final de segunda-feira, a manifestação degenerou em mais violência, desta vez na Avenida da Liberdade, em pleno coração de Lisboa, com versões contraditórias entre a PSP e os manifestantes. O rastilho espalhou-se para outros bairros da periferia e durante quase todas as noites houve carros e ecopontos incendiados. E até a esquadra da Bela Vista, em Setúbal, foi alvo de *cocktails-molotov* feitos com simples garrafas de cerveja. Esta sexta-feira, realizou-se uma nova manifestação

contra a violência policial, desta vez no Seixal. Quase à mesma hora, os nacionalistas do PNR organizaram um protesto em Lisboa contra as posições tomadas por alguns dirigentes do Bloco de Esquerda como Mamadou Ba.

Nas redes sociais, a tensão entre jovens de ascendência africana — alguns conotados com a esquerda mais radical — e militantes neonazis está a subir de tom, num crescendo de ameaças de parte a parte. As forças de segurança estão preocupadas e temem que as palavras possam transformar-se numa espiral de violência nas ruas.

“A extrema-direita está a tentar ganhar dividendos e apoio da população mais moderada”, conta uma fonte da PSP. Já a extrema-esquerda “está-se a aproveitar dos conflitos antigos entre as minorias étnicas e as forças de segurança”, acrescenta outro responsável policial.

Um filme que teima em repetir-se

Hortêncio Coxi garante ter sido vítima de “violência gratuita” por parte dos agentes da PSP na manhã do último domingo: “Deram-me com cassetetes, pontapearam-me e bateram no meu pai, na minha mãe e na minha irmã.” O advogado José Semedo vai apresentar “muito em breve” uma queixa-crime no Ministério Público contra os agentes. Mas de acordo com várias fontes policiais, o queixoso só está a contar uma parte da história, precisamente aquela que surge no vídeo. “O agente ficou com os lábios rebentados sozinho? E as provocações que não surgem nas imagens?”, interroga-se um colega da PSP.

Myriam Taylor e Valter V. não são do Bairro da Jamaica mas foram até à Baixa lisboeta na segunda-feira porque dizem estar fartos da segregação. E de assistir sempre ao mesmo filme. “A polícia não trata os brancos da mesma forma que os negros. Não digo que seja uma bosta, até porque tenho amigos que são polícias. Mas somos perseguidos e não é de hoje”, queixa-se a empresária e ativista de 41 anos. A Plataforma Muxima, que dirige, ajudou a organizar a manifestação de ontem no Seixal.

Ainda menos conformado, Valter V., empregado de mesa de 37 anos que mora na Zona J de Chelas, não tem dúvidas de que os distúrbios das últimas noites se vão espalhar por

mais bairros periféricos. “Quando era miúdo fugíamos assim que víamos a bôfia a aproximar-se. Mas os miúdos de hoje enfrentam-na. E às vezes cometem excessos.” O grupo de cinco que liderou na avenida da Liberdade — no bairro é tratado com deferência com quem se cruza — andou a fugir da polícia. “Alguns ainda apanharam umas bastonadas.” Garante que não viu pedras no ar, como relata a PSP, e só ouviu dois petardos lançados por uns manifestantes. “A malta estava lá pela paz e a polícia quis pôr-nos dali para fora. Toda esta violência vai gerar mais violência. Tenho a certeza.” Na Zona J, já perdeu a conta ao número de vezes que foi interrogado e identificado por agentes da PSP, sempre à noite. “E porquê? Porque sou preto.”

A história da violência nas periferias não pode ser contada a preto e branco. “Nestes dias saímos em grupos maiores, temos ordens para isso. Não podemos andar aos pares, como habitualmente e muito menos sozinhos. Não é por medo, simplesmente é mais fácil reagir se houver problemas.” O agente Pires (nome fictício) está há 20 anos na PSP e desde 2002 na esquadra da PSP da Bela Vista, a mesma que foi alvo de um ataque com *cocktails-molotov* na madrugada de segunda-feira. “O ataque foi um mero ato de vandalismo.”

Nestes dias há ordens para cuidados redobrados. “Já durante os incidentes de 2002 foi a mesma coisa”, conta. Nessa altura, um operário foi morto a tiro por um polícia. Houve uma manifestação em frente à esquadra, pedras e *cocktails-molotov* atirados contra os agentes que responderam com disparos para o ar. Ficaram feridas difíceis de curar. “Já fui agredido, mas nunca fiquei com medo de ir para a rua. Faz parte. A esmagadora maioria das pessoas sabe que a polícia está aqui para as proteger.”

Em 2010, uma carrinha foi atacada com *cocktails-molotov* depois de uma intervenção mais musculada da PSP. Então, como agora, os moradores queixaram-se de racismo. “Nós abordamos brancos e negros da mesma maneira. Já fui agredido, apedrejado e insultado por brancos e negros. Mas é verdade

ANGOLANO FILMADO A SER ALVO DE AGRESSÕES PELA PSP VAI APRESENTAR QUEIXA-CRIME NO MINISTÉRIO PÚBLICO